



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

MARINALVA SANTANA CORNÉLIO

MEMORIAL: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS EM ALCANÇAR UM SONHO

ALTAMIRA / PA

2022

MARINALVA SANTANA CORNÉLIO

MEMORIAL: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS EM ALCANÇAR UM SONHO

Memorial apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, como requisito final para obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Lindomal dos Santos Ferreira

ALTAMIRA / PA

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C814m Cornélio, Marinalva Santana.
 MEMORIAL: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS EM
 ALCANÇAR UM SONHO. / Marinalva Santana Cornélio. — 2022.
 25 f.

 Orientador(a): Prof. Dr. Lindomal dos Santos Ferreira
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
 Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
 Educação, Altamira, 2022.

 1. Memorial. 2. Experiência. 3. Formação do Pedagogo. 4.
 Ensino Remoto. I. Título.

CDD 370

MARINALVA SANTANA CORNÉLIO

MEMORIAL: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS EM ALCANÇAR UM SONHO

Memorial apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, como requisito final para obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

Aprovado em: 14 de Março de 2022.

Prof. Dr. Lindomal dos Santos Ferreira
(Orientador – FAE/UFPA)

Prof.^a Msc. Raimunda do Socorro Rodrigues
(Examinadora – FAE/UFPA)

Prof.^a Dra. Léia Gonçalves de Freitas
(Examinadora – FAE/UFPA)

ALTAMIRA / PA

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus acima de tudo pela vida e pelos dons que me deu nesta existência, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização desta graduação e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo de toda minha vida, porque sem Ele nada seria possível.

Agradeço meu esposo João pelo apoio e dedicação demonstrado ao longo de todo o período que me dediquei a esse trabalho e por estar ao meu lado em todos os momentos e por compreender os vários dias em que estive ausente por causa do desenvolvimento do estudo.

Agradeço os meus filhos, Gilvanei, Gilcineia, Genilson, Gilcilene, que são a razão de minha vida, especialmente aos dois: Genilson e Gilcilene, que foram meu alicerce do começo ao fim de toda graduação. Tenho a certeza de que sem vocês, este sonho não teria sido realizado. Essa vitória eu dedico a vocês.

Agradeço (em memória) aos meus pais, que desde cedo, me ensinaram o valor da educação com muita paciência e amor. O que sou hoje devo a eles. Compartilho esse trabalho também com meus irmãos, eles me deram a força necessária para que eu pudesse seguir em frente, especialmente quando eu quis desistir.

A todos os meus professores do Curso de Pedagogia pela excelência da qualidade profissional de cada um. Ao meu orientador Lindomal por aceitar orientar e conduzir o meu trabalho.

A todas as minhas amigas que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, pelas trocas de ideias, sempre uma colaborando com a outra conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos.

Também agradeço aos funcionários da Universidade que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Essa missão de escrever sobre minha trajetória de vida, exigiu-me rememorar e relembrar o passado, processo que me levou a reconstituir e recordar minhas experiências tanto pessoais, quanto profissionais. Memorial são relatos de memórias, são lembranças guardadas na memória de uma pessoa e isso me levou a fazer um resumo de toda minha vida, como se fosse um currículo, detalhando desde o meu nascimento até os dias atuais. Hoje já amadurecida, prefiro acreditar que a vida tem seus propósitos e hoje relembro e escrevo sobre meu passado, sinto uma gratidão enorme por todos os momentos de felicidades e assim terei força interior para conquistar meus objetivos. Destacarei aqui as experiências pessoais e profissionais vividas no dia a dia da sala de aula como professora de magistério e os novos conhecimentos vivenciados na Universidade enquanto graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará. No decorrer do curso de Pedagogia fui capaz de reavaliar e melhorar minhas práticas e crescer como pessoa e como profissional. Consegui entender que o meu principal papel, como professora, é ensinar e aprender com as crianças que passarão por mim durante minha trajetória como docente. Vejo que, atualmente, ser educador tem sido uma tarefa árdua, mas tenho como objetivo acreditar que o dia de amanhã será melhor que o dia de hoje, pois acredito que o curso dá um alicerce que nos permite contribuir para uma sociedade melhor, e se, fizer a diferença na vida de uma criança, já terá valido a pena. Percebo que para ser educador é preciso sair da zona de conforto que nos paralisa, e com isso, reivindicar mudanças no processo da nossa formação, e a principal mudança começa em nós, com as nossas atitudes. Também quero transcorrer sobre os desafios e dificuldades encontrados durante o ensino remoto, vivenciados na pandemia da COVID-19. Portanto, ao longo desse trabalho, apresento minhas experiências vividas em sala de aula e o quanto essas experiências contribuíram para a minha carreira como docente.

Palavras-chave: Memorial; Experiência; Formação do Pedagogo; Ensino Remoto.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. MIGRAÇÃO.....	7
3. INÍCIO DA VIDA ESCOLAR.....	10
4. SEGUNDA MIGRAÇÃO	12
5. MEU INGRESSO NA EDUCAÇÃO COMO DOCENTE	15
6. MEU INGRESSO NA UNIVERSIDADE	19
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
8. REFERÊNCIAS	24

1. INTRODUÇÃO

Eu, Marinalva Santana Cornélio, natural da zona Rural do município de Jequié, no Estado da Bahia, filha de pais agricultores, nascida em um lar bastante humilde, no qual vivíamos com muita dificuldade financeira, mas jamais faltava amor e carinho. Com o passar dos anos fui crescendo e ganhando irmãos, e assim nossa família foi crescendo. Sou a mais velha de sete irmãos, sendo quatro homens e três mulheres. Eu e meus irmãos tivemos uma infância sadia. Brincávamos brincadeiras de crianças da nossa época. Meus pais construíram uma família onde o respeito vem acima de tudo, nos ensinou que devemos sempre temer a Deus e a ter fé, tinham como tarefa diária nos ensinar os valores humanos. Essa foi uma educação fundamental em minha vida, pois saber agir com educação nas relações humanas é saber conviver com pessoas diferentes, em ambientes diversos, sempre agindo com respeito por todas as pessoas em todas as situações. Minha mãe me contava histórias da época de sua própria infância e também me ensinava a fazer os trabalhos domésticos. A partir de tudo isso, torna-se importante relatar um pouco de minha trajetória de vida (pessoal, escolar e profissional) em relação a educação.

Em virtude desse conjunto de princípios, responsabilidades e aprendizagem que fundamentam a minha história e de lembrar tudo que vivi até hoje, é que concordo com Freire (2003):

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia – e até onde não sou traído pela memória –, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra (FREIRE, 2003, p. 12).

Fazendo uma relação com as palavras de Freire (2003), revela-se um pouco dos esforços em rememorar profundamente o processo de escrever sobre minhas experiências existenciais.

2. MIGRAÇÃO

Como já mencionado, nasci no Estado da Bahia, meus pais também baianos, minha mãe descendente de Italianos da Família Bittencourt, conheceram-se e se casaram no ano de 1960. Como a região nordeste é muito castigada pela seca, em 1962 a estiagem prejudicou muito os agricultores, então em 1963, dois meses após meu nascimento, meu pai resolveu migrar para o Estado do Paraná. Viajaram em um transporte (Caminhão coberto com uma lona) chamado de

“pau de arara”, essa viagem durou 8 dias, saindo do estado da Bahia até a cidade de Colorado no Estado do Paraná. Antes da viagem fui batizada por meus avós maternos. Minha mãe viajou muito triste por ter que deixar para trás sua família, já meu pai levou consigo toda sua família, pais e irmãos. Dois anos após nossa chegada ao Estado do Paraná, minha mãe recebeu uma carta com a notícia do falecimento do meu avô materno.

Na década de 1960, houve um grande fluxo de deslocamento de pessoas da região nordeste para a região sul do país. Isso se deu devido a busca por melhores condições de vida e a principal causa dessas melhorias para os agricultores era o sonho de ter um pedaço de terra para trabalhar. A princípio, a ocupação da região sul era baseada no desenvolvimento da agricultura de subsistência, como o feijão, o arroz, o milho, a mandioca, dentre outros. A partir desses relatos, torna-se relevante considerar os escritos de Silva (2019) quando discute os fatores relacionados à migração nordestina.

Os fatores climáticos do nordeste sempre foram um desafio para quem viveu na região. Os longos períodos de seca não favoreciam o cultivo da agricultura, nem muito menos a criação de gado. Esses problemas interferiam na qualidade de vida, principalmente dos sertanejos que viviam distante das capitais dos estados nordestinos. Eles sobreviviam período após períodos e quando não observavam mais saída para tais problemas, migravam tanto para as capitais quanto para outros lugares. Com a triste partida do meio em que viviam, os sertanejos abandonavam suas terras, suas casas e até mesmo a parentela e rumavam no seu êxodo em busca de dias melhores em que não apenas sobrevivessem, mas realmente vivessem e vivessem com qualidade (SILVA, 2019, p. 75).

Chegando ao Paraná, meu pai e seus irmãos arrendaram de um fazendeiro um pedaço de terra por um período de três anos, e pagavam ao dono da terra parte da lavoura que produziam. Ao final dos três anos de contrato, ganharam dinheiro que foi o suficiente para cada irmão comprar um lote de terra. Sendo que o lote que meu pai comprou ficava localizado no município de Goioerê. A partir daí cada um dos irmãos Santana foram trabalhar por conta própria.

Naquela localidade foram nascendo meus irmãos e a família foi crescendo, totalizando comigo, sete irmãos. Posso dizer que minha infância foi muito boa, como qualquer criança, gostava muito de brincar, tomar banho nos córregos, pescar, andar a cavalo, subir em árvores e comer frutas fresquinhas, mas também sempre fomos cobrados com as tarefas de casa e com a lida na roça. Naquela época não tínhamos televisão em casa, não tínhamos energia elétrica, mas mesmo assim brincávamos e éramos felizes.

Como já mencionado, sou a mais velha de 7 irmãos, sendo 4 homens e 3 mulheres. Minha irmã mais nova nasceu com síndrome de Down¹. Como na época não tínhamos conhecimento suficiente para tal anomalia, foi muito difícil quando descobrimos que ela além da Síndrome de Down, também tinha um “sopro no coração”², e isso entristeceu muito toda a família, seu desenvolvimento era mais lento, comparando com a evolução de outras crianças, e como morávamos na zona rural, não recebia o atendimento adequado.

Mesmo assim sempre fizemos de tudo para que ela vivesse uma vida normal. Por essa razão, ao longo de toda a sua vida, ela deveria fazer visitas frequentes ao médico cardiologista, para o monitoramento de possíveis alterações e essa árdua caminhada durou dezessete anos, onde ela precisou fazer uma cirurgia do “sopro no coração” e não resistiu. A morte de um ente querido na família dói muito, meus pais quase entraram em depressão, aí o tempo foi passando e fomos nos conformando.

Meus pais não tinham estudo, mas tinham o letramento de mundo e nos ensinaram os valores da vida, que também receberam de seus pais. Eles não tinham a teoria, mas tinham uma experiência com a prática através da vivência cotidiana de seus trabalhos e da realidade em que viviam. Em relação a esses argumentos, a obra de Freire (2003) expõe que:

[...] Não podemos duvidar de que a nossa prática nos ensina. Não podemos duvidar de que conhecemos muitas coisas por causa de nossa prática. Não podemos duvidar, por exemplo, de que sabemos se vai chover ao olhar para o céu e ver as nuvens com uma certa cor. Sabemos até se é chuva ligeira ou tempestade a chuva que vem. Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e escrever palavras e frases, já estamos “lendo” bem ou mal. O mundo que nos cerca (FREIRE, 2003, p. 71).

Assim como as palavras trazidas por Freire (2003), as experiências e a prática proporcionam uma verdadeira lição de vida às pessoas não letradas.

Aprendi muito com minha mãe, adorava acordar de manhã bem cedo e ascender o fogão à lenha e ficar me aquecendo nos dias frios de inverno. Meu pai amava assar milho nas brasas do fogão à lenha e aquele cheirinho de fumaça impregnava por toda a casa.

¹ Síndrome de Down é uma alteração genética causada por erro na divisão celular. As pessoas apresentam características como olhos oblíquos, rosto arredondado, mãos menores e comprometimento intelectual.

² O sopro cardíaco é o ruído que pode ser ouvido – auscultado durante o exame clínico – e que é produzido pela passagem do fluxo de sangue pelas estruturas do coração. O sopro no coração acontece quando o sangue precisa passar por um orifício que está menor do que deveria.

A vida naquele momento não era fácil, pois para manter os filhos na escola e ainda sustentar a casa, meus pais trabalhavam arduamente de sol a sol na roça. Hoje quando recordo a situação que papai chegava em casa, suado, com o rosto vermelho queimado pelo sol e muitas vezes com a roupa rasgada pelos garranchos, as lágrimas rolam no meu rosto. Aquele hino do padre Zezinho, “Utopia”, parece com a minha história de vida familiar.

Ainda me lembro do meu tempo de criança, guardo vivo na lembrança o aconchego do meu lar, no fim da tarde, quando tudo se aquietava a família se juntava, lá no alpendre a conversar, meus pais não tinha nem escola nem dinheiro, todo dia o ano inteiro trabalhava sem parar, faltava tudo más a gente não ligava, o importante não faltava, seu sorriso e seu cantar [...] (PADRE ZEZINHO, 1975).

A letra da música evidencia de maneira muito clara as condições de trabalho pelas quais minha família passava, e que apesar das dificuldades, da ausência de melhores condições financeiras, isso nunca impediu da felicidade, do amor e da união reinar em nosso lar.

3. INÍCIO DA VIDA ESCOLAR

Quando completei 7 anos, meu pai me matriculou em uma escola municipal, situada na zona rural em uma localidade chamada bom Jardim, no município de Goioerê, Estado do Paraná. Lembro com muito carinho da minha primeira professora que se chamava Zilda Pimentel, que até hoje é viva. Já entrei na primeira série do primário. Naquela época não tinha merenda escolar e cada criança levava sua merenda de acordo com suas condições financeiras.

Quando concluí a 4ª série do primário tive que me deslocar para a sede do município, pois na localidade onde residíamos não tinha o ginásio (que na época, era como se chamavam as séries de 5ª a 8ª). A cidade onde eu ia estudar ficava a uma distância de 25 km da minha residência, onde estudava pela manhã, devido a isso, tinha que acordar bem cedo. Andava cerca 3 km até a rodovia, onde esperava o ônibus para chegar até a cidade, depois descia do ônibus, ainda tinha que andar 2 quarteirões até chegar ao colégio. Foram 4 anos neste vai e vem.

Adorava quando tinha a programação do desfile de 7 de setembro, onde todos os alunos tinham que desfilar, eu amava aqueles uniformes todos iguais, onde todos os alunos desfilavam marchando ao som da Banda municipal, pena que naquela época, não se registrava esses eventos com fotografias. Terminei a 8ª série no ano de 1978.

Quando chegávamos na escola, isso desde a primeira série, tínhamos que fazer fila para entrar na sala de aula, começando do menor para o maior, onde formávamos duas filas, de um

lado as meninas e do outro os meninos. Já na sala, era o momento da oração, só depois começavam as atividades, me lembro que era uma turma multisseriada, com mais ou menos 30 alunos, onde a professora tinha que se dedicar a cada série com conteúdos diferentes. Seguindo o raciocínio de Medeiros (2010, p. 85) “em relação a aprendizagem, essas diferenças assumem maiores proporções quando a sala é multisseriada, composta de diferentes momentos de saberes, que ultrapassa desse modo, o simples olhar de multisseriação por série escolar”.

As classes multisseriadas são uma forma de organização de ensino na qual o professor trabalha, na mesma sala de aula, com várias séries do ensino fundamental simultaneamente, tendo que atender a alunos com idades e níveis de conhecimentos diferentes. Nesse contexto. Vizzoto (2001) relata que:

O ensino multisseriado é uma realidade em muitas escolas dos municípios brasileiros, embora, no imaginário social, essa forma de organização escolar pareça pertencer a um tempo passado e, por causa disso, não tem sido alvo de muitas preocupações e manifestações. Na região do alto Uruguai Gaúcho, também encontramos escolas que se apresentam nesse formato, incluída a escola em que atuei (VIZZOTO, 2001, p. 15).

Para o autor, as escolas com turmas multisseriadas ainda são bastante presentes em nosso país, sobretudo em áreas de difícil acesso, já que algumas escolas tem um número pequeno de matrículas e a mudança para outras escolas nem sempre é possível, por conta da distância.

Várias são as dificuldades encontradas pelos professores que trabalham em escolas com turmas multisseriadas, sendo a maioria dessas escolas na zona rural, onde eles enfrentam várias problemáticas como a falta de infraestrutura, alimentação, formação continuada, recursos e materiais didáticos. Ainda de acordo com Vizzoto (2001):

Na realidade, existe diversos fatores que estão relacionados a dificuldades práticas, fazendo com que as escolas multisseriadas não possam de fato atenderem as reais necessidades de seus educandos. Dentre vários aspectos, sinalizamos alguns que dificultam o trabalho das escolas: falta de diálogo com as secretarias Estaduais e municipais de educação; desmotivação dos professores por falta de uma formação específica para essa área; carência de apoio dos órgãos governamentais; materiais didáticos inadequados; dentre outros problemas específicos de cada região ou escola (VIZZOTO, 2001, p. 26).

De acordo com o autor, são inúmeras as dificuldades encontradas pelos educadores que trabalham com turmas de alunos em escolas multisseriadas, onde o professor tem que se desdobrar para ensinar e produzir conhecimentos para esses alunos.

Minha primeira cartilha, comprada pelo meu pai, chamava-se “Caminho Suave”, onde até hoje lembro daquelas gravuras, que na época prendiam minha atenção. Estudei na mesma escola até a 4ª série, onde nunca repeti de ano.

Lembro-me de um episódio que aconteceu e que marcou bastante. Meu primo José, que estudava comigo na época na mesma sala e até hoje quando encontramos, nos lembramos, foi atravessar a pista correndo atrás de uma bola, brincando na hora do intervalo e foi atropelado por um carro, onde ficou caído no chão com uma perna fraturada, aquela imagem dele caído no asfalto ainda é bem forte em minha memória. Mas o maior atrativo que a escola me ofereceu naquele momento foi o primeiro contato com o mundo das letras e dos números. Lembro com muito carinho da minha primeira professora que se chamava Zilda Pimentel, que foi com quem, comecei de verdade a ter o prazer de aprender a soletrar as primeiras palavras. Essa escola estava situada na zona Rural, em uma localidade chamada Bom Jardim, no Município de Goioerê, estado do Paraná.

4. SEGUNDA MIGRAÇÃO

Nesta parte do texto relatarei sobre minha migração do Estado do Paraná para o Estado do Pará. Com a esperança de uma condição de vida melhor, acabamos nos migrando novamente para a região Norte, no Município de Vitória do Xingu. Como meu pai tinha 4 filhos homens e todos crescendo, já ajudando a trabalhar na roça, ele pensou: “Se eu ficar aqui no Paraná, não vou conseguir comprar um lote de Terra para cada um dos meus filhos”, pois na época no Paraná, um alqueire de terra era muito caro. Além dos impactos causados pelas geadas, cenário que preocupava muito os agricultores. A geada trazia prejuízos a diversas culturas. Se a região nordeste é castigada pela seca, a região sul é castigada pelo frio, quando a temperatura do ar na região sul cai abaixo de 0° graus, ocorre a geada e prejudicam seriamente as plantas provocando prejuízos na agricultura. As geadas podem atingir também as lavouras de trigo, de cafeicultura, a cana-de-açúcar, dentre outras lavouras. Então ele resolveu partir em direção a região norte em busca de terras mais baratas e que pudesse dar uma condição de vida melhor para os filhos.

Saímos do Paraná no mês de julho de 1979 em direção ao Estado do Pará e passamos onze dias viajando. Viemos de carro próprio (em uma picape com uma capota cobrindo a carroceria), só trouxemos os objetos pessoais e também um cachorro de estimação por nome de pulguinha. Viajávamos durante o dia e parávamos a noite para descansar e dormir. Um de meus irmãos passou mal durante a viagem e tivemos que parar três dias no estado do Mato Grosso,

até que ele se recuperasse. Depois disso pudemos seguir viagem até chegar ao nosso destino final, que era a cidade de Altamira, no estado do Pará.

Chegando na região, meu pai comprou um lote de terra no município de Vitória do Xingu, em uma localidade chamada Ramal Boa Vista. Ali começaram a trabalhar, onde fizeram um plantio de cacau. Com o tempo percebeu que aquele lote de Terra que havia comprado era pequeno, e o dinheiro que trouxe consigo daria para comprar um lote maior, porém já era tarde, pois já havia gasto o dinheiro. Mas com o passar dos anos ele conseguiu comprar mais um lote de terra para os filhos.

As migrações podem acontecer por variadas razões, no caso da nossa vinda para a Região Norte ocorreu devido ao crescimento da família e meu pai veio em busca de comprar um pedaço maior de terra para seus filhos trabalharem. Como ele era agricultor, nascido e criado na zona rural, o seu objetivo era que os filhos também fossem agricultores e que tivessem um pedaço maior de terra para trabalhar. Como ele tinha um pequeno lote de terra no Paraná e a família crescendo, as despesas aumentando, as dificuldades financeiras também começaram a surtir efeitos. As condições de trabalho para os agricultores na região em que morávamos também eram muito precárias. Então meu pai resolveu vir em busca de trabalho, em busca de um pedaço maior de terra para plantar e onde pudéssemos ter uma estabilidade melhor.

À vista disso, no lote adquirido por meu pai no município de Vitória do Xingu, meu pai começou a preparar um pedaço de terra e realizar uma plantação de cacau. Como o cacau precisa de sombra, os agricultores costumam primeiro plantar bananeiras para garantir a sobrevivência das mudas do plantio e também de uma renda rápida. Isso nos ajudou bastante, mas também exigiu muitos cuidados para garantir a produtividade e a qualidade do plantio e do produto.

Vários motivos levam as pessoas a migrarem de um estado para outro. O motivo mais comum das pessoas se deslocarem de um local para outro é a busca por melhores condições de vida e a procura de empregos para suprir suas necessidades básicas de sobrevivência. No caso do meu pai, o motivo foi a procura de terras para plantar e produzir, já que ele era agricultor. Nesse sentido, de acordo com Silva et al. (2018):

[...] No final da década de 1960 e início da década seguinte, o processo de migração para a Amazônia estiveram inteiramente entrelaçados com a ideia de trabalho e geração de renda, onde a região estava no foco do desenvolvimento econômico nacional, mobilizando milhares de pessoas das mais variadas regiões do país, inclusive de outras nacionalidades, a procura de trabalho e de melhores condições de vida (SILVA et al, 2018, p. 105).

A região norte do país constituía, durante a década de 1970, como o palco das ondas migratórias, tendo em vista que a região oferecia grandes oportunidades de trabalho, oportunizando a melhoria na qualidade de vida para pessoas que viviam em situações de dificuldade em outras áreas do Brasil. O local encontrado por minha família, onde pudéssemos comprar um “pedaço” de terra para trabalharmos, foi próximo à rodovia Transamazônica, onde segundo Mendes, Souza e Miranda Neto (2018, p. 74), “as áreas situadas entre o rio Xingu e a recém-criada rodovia Transamazônica (BR-230) se consolidavam como um verdadeiro ponto de interseção dos processos migratórios”.

Um ponto positivo nesse sentido é que tinha uma escola perto da casa onde fomos morar. Naquela escola estudavam mais ou menos uns 60 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental e uma professora trabalhava nos dois períodos. Pela manhã ela lecionava para os alunos de 1ª série e a tarde para uma turma multisseriada de 2ª, 3ª e 4ª séries. A filha da professora trabalhava como merendeira na escola. Esse momento de minhas lembranças coincide com o que descrevem Silveira, Enumo e Batista (2014):

Ensinar em classes multisseriadas pode ser estressante, especialmente em zonas rurais, devido ao deslocamento e falta de recursos. Este estudo identificou estressores percebidos no trabalho, avaliou o estresse, a ansiedade e as estratégias de enfrentamento correlacionando-os com variáveis pessoais e do trabalho de professores responsáveis por duas ou três séries/classes. Os principais problemas levantados como causa de estresse desses professores de classes multisseriadas estavam relacionadas ao pouco envolvimento da família no desenvolvimento acadêmico dos filhos, a falta de motivação e a problemas ligados a realização do trabalho, como as cobranças e a falta de apoio por parte da escola, a pressão por resultados, a frustração por não alcançar objetivos propostos e os conflitos institucionais (SILVEIRA, ENUMO, BATISTA, 2014, p. 462).

Ensinar em turmas multisseriadas consiste num grande desafio para os professores que lecionam no campo. Os educadores tem a responsabilidade em aplicar suas práticas docentes dentro de salas de aula a alunos de séries, faixa etária e conhecimentos diferentes e assim trabalhar de acordo com a realidade dos alunos para manter a atenção dos mesmos e fazer com que aconteça a aprendizagem [...] Segundo Rosa (2008):

[...] A classe multisseriada é organizada, na maioria das vezes, pelo número reduzido de alunos para série, o que caracteriza como mais do que uma simples classe. Ela representa um tipo de escola que é oferecida a determinada população e remete diretamente a uma reflexão sobre a concepção de Educação com que se pretende trabalhar (ROSA, 2008, p. 228).

Nas palavras de Rosa (2008), as escolas que trabalham com alunos em salas de aula multisseriadas fazem isso devido ao número reduzido desses sujeitos num espaço pequeno e

com poucos profissionais em algumas comunidades de zona rural. A professora que trabalhava nessa escola estava cansada em trabalhar dois períodos com quase 60 alunos e com uma turma multisseriada, convivendo com a falta de apoio da Secretaria de Educação e com a cobrança dos pais de alunos.

Todos os dias, eu ia à escola levar minha irmã que tinha Síndrome de Down para estudar e a pedido da professora, ajudava a tomar a lição dos alunos enquanto ela estava ensinando outra série, e assim se passaram dois anos, eu sempre ajudando a professora titular daquela escola. Até que um dia, o prefeito do município, o senhor Merêncio e sua equipe fizeram uma visita na comunidade e me viram ajudando a professora na escola e em uma conversa decidiram que iriam me contratar para trabalhar em um dos períodos.

5. MEU INGRESSO NA EDUCAÇÃO COMO DOCENTE

Mesmo sem uma formação adequada consegui repassar conhecimentos por meio de livros didáticos e também da minha experiência de vida. É claro, reconheço que errei muito, pois não tinha uma orientação adequada, mas mesmo assim procurava pesquisar e buscar elementos que levassem novos conhecimentos àquelas crianças.

Com apenas o ensino fundamental, mas com muita dedicação, assumi aquele desafio e confesso, para mim, foi um ano de muito aprendizado e muitas dificuldades, dentre elas a falta de formação e também a falta de acompanhamento da coordenação pedagógica, devido ser uma escola localizada na zona Rural e de difícil acesso, mas o prazer e a satisfação de ensinar aquelas crianças me motivou a alcançar meu objetivo, ser professora, e até hoje sinto saudade e fico bastante emocionada ao lembrar do meu primeiro dia de aula como professora titular da turma.

O que me lembro até hoje, foi a minha união e companheirismo com aquela professora que durou 12 anos trabalhando juntas com respeito e tranquilidade, uma ajudando a outra.

Apesar de não ter a prática de sala de aula, mas com a perspectiva de desenvolver um bom trabalho, sempre buscava aprimoramento em leituras de livros e diálogos com outros colegas professores. Nesse sentido, de acordo com Freire (2000):

[...] Ensinar exige disponibilidade para o diálogo. [...] Testemunhar a abertura dos outros, a disponibilidade curiosa a vida, a seus desafios, são saberes necessários a prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto de reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente (FREIRE, 2000, p. 153).

E assim, com o passar dos dias trabalhando com aquelas crianças dando aulas, fui me identificando com as ideias de Paulo Freire, com a alfabetização numa perspectiva crítica, pois, ação sem reflexão não tem sentido.

Neste intervalo de tempo me casei e como meu esposo residia em outra localidade tive que me mudar para outra comunidade, também no município de Vitória do Xingu. Como ficava distante da escola, parei de lecionar, mas a cada semana que passava, sentia saudades do meu trabalho, tanto na parte financeira, quanto da rotina do dia-a-dia junto daquelas crianças.

Devido a uma grande demanda de crianças em fase escolar, foi construída uma escola na nova localidade onde passei a residir. Dessa forma, tive uma nova oportunidade de trabalhar, porém, como só tinha o Ensino Fundamental, teria que estudar o magistério, através do Projeto Gavião (Trabalhava no período letivo e estudava nas férias). Foi então que minhas práticas pedagógicas passaram a melhorar, através daquelas metodologias disciplinares, onde passei a associar os conhecimentos adquiridos no curso do Projeto Gavião com a prática no dia a dia em sala de aula.

O Projeto Gavião foi aprovado pela resolução nº 090/1984-CEE referente ao curso de Magistério – 1ª a 4ª série do ensino fundamental. Era conveniado com a Secretaria de Estado de Educação e atendeu vários municípios paraenses, onde graduou cerca de dez mil professores leigos. O Projeto era realizado por etapas, nos períodos de recesso dos professores ou férias escolares.

A formação continuada tem se tornado um campo com crescente busca pelos profissionais não apenas na Educação, mas em todas as áreas de conhecimento, pois quanto mais aprendizado, maiores as chances desse profissional permanecer no mercado de trabalho. Ao recordar esse processo, associo às palavras de Ferreira (2006), onde a autora argumenta que:

A “formação continuada” é uma realidade no panorama educacional brasileiro e mundial, não só como uma exigência que se faz devido aos avanços da ciência e da tecnologia que se processaram nas últimas décadas, mas como uma nova categoria que passou a existir no “mercado” da formação continua e que, por isso, necessita ser repensada cotidianamente no sentido de melhor atender a legítima e digna formação humana (FERREIRA, 2006, p. 19-20).

Assim como as palavras trazidas pela autora, a formação continuada é de grande importância na vida do educador, é um projeto pedagógico que dá oportunidades ao docente de

vivenciar, através da prática em uma sala de aula, a sua maneira de ensino, as trocas de experiências e de limitações.

Foram 4 anos de muito aprendizado e grandes experiências no curso do Projeto Gavião, onde também fiz muitas amizades com os colegas professores. Porém, também foi uma época de grandes dificuldades, pois quando saía da sala de aula já ia para o estudo do magistério e quando saía do curso do magistério já voltava pra sala de aula. Concluí o curso no ano de 1999, mas minha vontade sempre foi de continuar com os estudos, porém as dificuldades devido a moradia na zona rural me impediram de continuar.

Após trabalhar a alguns anos nessa escola tive que ser remanejada, pois o número de alunos estavam diminuindo devido ao êxodo rural³ com a migração de algumas famílias vendendo suas terras e indo morar na cidade. Em função desse processo, a Secretaria de Educação entendeu viável a transferência desses alunos para uma outra instituição de ensino, implantando o programa do transporte escolar para levar os alunos de suas localidades para outra escola. Por esse motivo, fui remanejada para uma terceira escola, localizada no km 20 na estrada que liga Altamira à Vitória do Xingu. Nesta escola trabalhei por mais 8 anos e ali encerei minha trajetória de sala de aula.

Descrever a vivência como educadora, ou seja, professora nas séries iniciais do ensino fundamental é sem sombra de dúvida, voltar ao passado e relembrar a trajetória da minha vivência com as crianças, o espaço do ambiente escolar, o meu envolvimento com toda a comunidade escolar, as datas comemorativas com os resultados das atividades e as criatividade dos alunos nos projetos. Nesse sentido, é sempre gratificante descrever o que cada momento significou na minha carreira como educadora.

Diante da realidade de trabalhar em Zona Rural, também me deparei com muitos desafios, como por exemplo a falta de infraestrutura nas escolas com apenas uma sala de aula e a superlotação com turmas multisseriadas, falta de merenda escolar para as crianças, ausência de materiais didáticos para o professor e a distância para os alunos chegarem a escola. Naquela época não tinha transporte escolar, no tempo do inverno as crianças chegavam a escola molhadas pela chuva e geralmente com o material todo danificado. Na época das colheitas da lavoura as crianças faltavam muito, pois tinham que ajudar seus pais na vida no campo.

³ Deslocamento das pessoas do campo para as cidades, também conhecido como migração campo-cidade.

Apesar dos desafios, o tempo foi passando e a partir do segundo ano eu já estava bastante adaptada, podendo de certa forma conciliar o trabalho em sala de aula e o trabalho fora de sala, como os planos de aula, a elaboração das avaliações, preenchimento de diários, dentre outras atividades. Com o passar do tempo notei que me tornei mais ágil em certos momentos nos meus trabalhos, pois a profissão me mostrava que eu podia através da docência levar os meus alunos a formação de cidadãos críticos e reflexivos, porque já dizia Freire (2003 p. 47) “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Me lembro de um episódio que aconteceu em uma das escolas que trabalhei no ano de 1994. Como era escola de zona rural, o ambiente escolar não possuía muros nem cercas, ou seja, no horário do intervalo os alunos eram livres para transitar nas dependências da escola. Diante dessa situação, tendo em vista também a ausência de merenda escolar, na hora do intervalo as crianças buscavam frutas no entorno da escola, como forma de se alimentarem. Em um dia, na busca dessas frutas ao redor da escola, um dos alunos foi picado por uma cobra jararaca, embaixo de um árvore de cajá.

Quando ouvi aquela criança chegar chorando e os outros coleguinhas todos assustados, fiquei sem reação e sem saber o que fazer. Naquele momento, só pedia a proteção de Deus. Procurei manter a calma e também tranquilizar o garoto que só chorava. Com a ajuda dos demais alunos, fechei a escola e fui para as margens da rodovia esperar um transporte para levar o aluno picado pela cobra ao hospital. Graças a Deus, tudo ocorreu bem e conseguimos chegar ao hospital, onde o aluno foi internado e medicado.

A infraestrutura dessa escola era precária, existia apenas uma sala de aula e uma cozinha. Não possuía energia elétrica e a água para o consumo era de um igarapé que ficava acerca de 400 metros da escola. Os alunos eram quem iam buscar a água para colocar no filtro de barro para o consumo. Esse trabalho era revezado, três alunos por dia.

Várias problemáticas são enfrentadas pelos professores e pelos alunos, uma delas é a dificuldade do abastecimento de água na zona rural, dentre os desafios enfrentados, tem aqueles que estão diretamente ligados a prática pedagógica e aqueles enfrentamentos de acordo com a realidade vivida, tanto dos docentes quanto dos discentes. Nas palavras de Ramalho (1993):

No caso do magistério rural essa fusão de papéis materno-profissional é ainda mais gritante. O local do trabalho, em muitos casos, é sua própria casa e a professora que aí assume os mais variados papéis-conselheira, amiga, orientadora, mãe- leciona todas

as séries ao mesmo tempo, conciliando o ensino com todos esses papéis e mais com seus próprios afazeres domésticos (RAMALHO, 1993, p. 87).

O trabalho realizado pelos professores da zona rural é bastante cansativo, onde o educador tem que se empenhar muito para desenvolver seu trabalho, tanto em sala de aula como também resolver os papéis vivenciados em determinadas situações.

6. MEU INGRESSO NA UNIVERSIDADE

Depois de três tentativas consecutivas realizando o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), enfim consegui alcançar uma boa média e assim ser aprovada no ano de 2017, ingressando no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará (UFPA), Optei por cursar uma área que me permitisse trabalhar com crianças menores, porque ainda existia dentro de mim a vontade de ser professora. Apesar de já estar com quase sessenta anos, acredito que esta área envolve algo mais do que ensinar.

Foi um momento de muita alegria quando recebi a notícia de que fui aprovada para o curso de Pedagogia intensivo, onde estudava nos meses de Janeiro e Fevereiro, Julho e Agosto, um curso intervalar de acordo com as minhas oportunidades de morar na zona rural. Além de minha vontade, o incentivo de meus filhos, impulsionaram-me a buscar o meu objetivo, cursar um nível superior.

Quando cheguei na universidade, no primeiro dia de aula, mal podia acreditar, pois tudo era novo pra mim naquele momento, onde já fazia muitos anos que eu havia parado de estudar. A cada novo dia, cada professor com suas metodologias diferentes, cada disciplina que iniciava era um novo aprendizado e muitos desafios enfrentados, mas posso afirmar com toda certeza que valeu a pena. Diante de alguns imprevistos junto as trajetórias trilhadas pude conhecer uma turma de mulheres com os mesmos objetivos, onde nos tornamos uma família de universitárias.

Cada disciplina tem seus conceitos diferentes, estratégias pedagógicas que favorecem o aprendizado dos alunos. A prática adquirida no primeiro Estágio de Educação Infantil foi algo enriquecedor e essencial. Com esses conhecimentos aprendi que a criança é um ser capaz de pensar, agir e interagir com outras crianças desde muito cedo. Durante as disciplinas de Educação Especial numa perspectiva Inclusiva, sobre os diversos tipos de deficiências existentes nas crianças e adultos, passei a perceber a criança deficiente com outro olhar, a prestar atenção em seu jeito de ser, que muitas vezes passa despercebido, por serem muitos alunos dentro de uma sala.

A teoria valoriza as noções de atividades do graduando em suas relações com o “meio de conhecimento” e a prática é adquirida gradativamente com o passar do tempo em sala de aula. No primeiro ano de estudo na universidade, passei por um período de adoecimento, mesmo assim segui em frente, com ajuda de Deus e da minha família e o apoio das colegas de turma é que hoje estou aqui para demonstrar que a força de vontade e a fé contribuíram para que eu alcançasse meu objetivo.

Mesmo em função dos diversos desafios enfrentados, posso dizer que, no decorrer desses quatro anos, a Universidade deixou marcas e lembranças especiais que foram de grande relevância para a minha realização pessoal, e essencial, a tão almejada formação acadêmica.

Afirmo que o curso de Pedagogia forma um profissional multidisciplinar, capaz de atuar nos processos de ensino e aprendizagem, tanto para alfabetizar crianças, jovens e adultos, quanto para atuar no corpo administrativo de uma instituição educacional, em ambientes escolares e ambientes não-escolares. A pedagogia foi considerada um curso oportunizador de crescimento pessoal e profissional, facilitador de engajamento no mercado de trabalho, principalmente para as mulheres e possibilitador da construção de uma carreira compatível com a vida familiar. Para Fagundes (2002):

A destinação feminina para a área de educação, em especial, para o curso de Pedagogia, e a inserção das mulheres no mercado de trabalho configura-se como uma forte marca social que redesenhou a face no mundo contemporâneo, principalmente nas décadas finais do século passado. Ao contrário do que ocorria no século XIX e no início do século XX, as mulheres solteiras e casadas, passaram a trabalhar nos mais variados setores da economia e apesar de continuarem, principalmente, em profissões consideradas femininas, suas formas de atividade e condições de exercício profissional variam, consideravelmente. Este fenômeno é responsável pela transformação não apenas do mundo do trabalho, como também da relação das meninas com o estudo, das relações entre os gêneros e do poder das mulheres nas parcerias com os homens (FAGUNDES, 2002, p. 65).

Porém, com o passar do tempo, ao final do 3º ano da graduação e quando já nos preparávamos para o retorno das aulas do 7º período, diante de tantos aprendizados de grande importância para o nosso desenvolvimento, deparamo-nos com um momento pandêmico da COVID-19⁴, e o distanciamento social⁵, orientado pela organização Mundial da saúde, visando

⁴ Em março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica infecciosa causada pelo Coronavírus, o SARS-CoV-2.

⁵ O distanciamento social ou distanciamento físico é um conjunto de ações que buscam limitar o convívio social de modo a parar ou controlar a propagação de doenças contagiosas.

barrar a proliferação do vírus. Foi a medida mais sensata a ser adotada não apenas pela Faculdade de Educação (FAE), mas por praticamente todos os ambientes educacionais.

Depois de um ano com as atividades acadêmicas suspensas, surgiu o Ensino Remoto Emergencial (ERE), uma nova estratégia didática e pedagógica criada para diminuir os impactos das medidas de isolamento social sobre a aprendizagem, onde os professores, alunos, pais e profissionais das diversas áreas tiveram que se adaptar ao “*home office*”.

Em função desse novo cenário, foi imprescindível readequar e adaptar os planos de ensino, de modo que, as instituições passaram a utilizar plataformas digitais para oferta e desenvolvimento das disciplinas. O ensino Remoto foi um desafio imposto pela Pandemia a educação, mediadas pelo uso de tecnologias digitais. Sobre as novas estratégias de ensino vivenciadas a partir do Ensino Remoto Emergencial, Melo et al (2020) destaca que:

Apesar de ter sido amplamente difundido no mundo, o ensino remoto, também chamado de Ensino Remoto Emergencial passou por um longo período de planejamento até que fosse realmente implementado, isso só foi possível, principalmente, devido às ferramentas que deram suporte às aulas síncronas e assíncronas (MÉLO et al., 2020, p. 13).

Para o autor, essa forma de ensino possibilitaram o desenvolvimento dos alunos onde o objetivo das atividades propostas naquele momento era dar continuidade aos estudos, mas uma série de problemas relacionados a dificuldade de acesso à tecnologia naquele momento fez com que as atividades presenciais fossem suspensa por um determinado tempo.

A grande maioria dos estudantes não tinham uma boa conectividade com a rede de internet, os professores tendo que arcar com toda uma estrutura que envolvia gastos com energia elétrica, internet, entre outros. A carga de trabalho do professor aumentou, as exigências aumentaram, onde tiveram que se readaptar e aprender a manusear recursos digitais. A falta de equipamentos, dificuldades para acessar as plataformas criadas, dentre vários outros problemas foram ocasionados pelos impactos da pandemia. A minha maior dificuldade foi a falta de conexão com a internet, como eu moro na Zona Rural. por falta dela eu tive que me deslocar todos os dias para a cidade. Além das dificuldades tecnológicas e a falta de experiências com os recursos digitais. Nesse interim, Gaur et al. (2020) argumenta que ocorreram diversos desafios em função da paralização do ensino presencial e a implementação do ensino remoto, tanto por parte dos professores, quanto dos alunos.

Ainda de acordo com Gaur et al. (2020) a falta de equipamentos como computadores, *smartphones* e tablets foi uma das maiores dificuldades enfrentadas para garantir atividades remotas durante a pandemia. O acesso à internet e a falta de capacitação ao uso dos equipamentos também dificultaram bastante as aulas remotas.

Ainda é cedo para imaginar os impactos que a pandemia da COVID-19 terá em nossas vidas, mas não é exagero dizer que não seremos os mesmos quando a situação finalmente se normalizar. Pela primeira vez, a humanidade enfrenta um desafio coletivo em meio a uma revolução tecnológica. E graças as novas soluções digitais foi possível manter relativa normalidade em muitos aspectos do cotidiano. Quem não estava pronto ou preparado para lidar com as ferramentas tecnológicas teve que se adaptar em tempo recorde. Com o passar dos dias com as aulas remotas fui aprendendo a lidar com os recursos digitais e isso me possibilitou a continuar e vi também que é possível utilizar-se da internet, redes sociais, canais do Youtube, tudo em prol do processo de ensino aprendizagem, melhorando todo o caminho entre o que o aluno deve aprender e aplicar, visando tanto sua formação profissional como pessoal. Se antes a tecnologia era encarada como uma ideia ainda distante, a transformação digital chegou com a pandemia do COVID-19 e não há mais volta.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever este memorial foi reviver partes importantes da minha trajetória pessoal e profissional, entendi que aquilo que uma pessoa se torna ao longo da vida depende fundamentalmente de duas coisas: das oportunidades que teve e das escolhas que fez. Posso afirmar com toda alegria que revivi fatos marcantes ao reconstituir a minha trajetória. Ao rememorar fatos e acontecimentos, quase apagados das minhas lembranças, mexeu muito com meu emocional, o que talvez tenha feito eu esquecer de outras situações e momentos de minha caminhada.

A escolha da Licenciatura em Pedagogia está diretamente relacionada a oportunidade, mas posso afirmar que ao longo do curso aprendi que o campo de atuação do pedagogo é muito vasto e acredito que serei uma mediadora no processo ensino-aprendizagem, de forma a garantir a consistência das ações pedagógicas e administrativas que me forem confiáveis.

Pondero que o aprendizado acadêmico foi de grande valor para o meu conhecimento e para partilhar com amor e dedicação obedecendo as leis e respeitando as opiniões de cada

cidadão, porque respeitar não é ter medo e sim uma troca de valores e ideias a partir de quando você exige o respeito, você deve se dar o respeito e respeitar as pessoas ao seu redor.

A escolha da graduação do curso de pedagogia veio acompanhada de oportunidades, onde adquiri muitos conhecimentos através dos estudos, os laços de amizade com as colegas, os professores e os funcionários da instituição de ensino foram alguns dos pontos positivos desta caminhada. Também tiveram os desafios impostos pela pandemia onde a tecnologia proporcionou o retorno das aulas em casa com aulas síncronas e assíncronas mediadas pelo uso de notebook e internet e isso me levou a momentos desafiadores. As aulas síncronas acontecem em tempo real, ao vivo, com professores e estudantes online ao mesmo tempo, isso significa que o professor e o aluno interagem ao mesmo tempo em um espaço virtual. As aulas assíncronas são aquelas que acontecem sem a necessidade de uma interação em tempo real, nesse tipo de aula não existe a possibilidade do aluno interagir em tempo real ou tirar dúvidas sobre a explicação do professor.

Tenho certeza que as lutas e os desafios enfrentados nesse percurso não serão em vão. Nesse sentido, é importante ressaltar que me considero uma mulher vitoriosa em alcançar essa conquista e tenho consciência de que estarei sempre à disposição para compartilhar o aprendizado adquirido, ser uma professora mediadora, facilitadora e articuladora de conhecimentos, provocando o aluno a aprender a partir de seus próprios questionamentos.

8. REFERÊNCIAS

- BOLSANELLO, M.A. **Memorial acadêmico de uma professora universitária: sentido e significado**. Curitiba, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Ações de Enfrentamento na Rede Federal de Ensino. Portal de Monitoramento das Instituições**. 2020. Acesso em: [dehttp://portal.mec.gov.br/coronavirus/](http://portal.mec.gov.br/coronavirus/).
- FERREIRA, Naura Syria Carapeto. (org.) **Formação continuada e Gestão da Educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire. – 44. Ed. – São Paulo, Cortez, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 47.
- GAUR, U.; MAJUMDER, M. A. A.; Sa, B.; SARKAR, S.; WILLIAMS, A.; SINGH, K. **Challenges and Opportunities of Preclinical Medical Education: COVID-19 Crisis and Beyond**. SN Compr Clin Med. 22, 1-6, 2020.
- MÉLO, C. B.; FARIAS, G. D.; MOISÉS, L. S.; BESERRA, L. R. M.; PIAGGE, C. S. L. D. **Ensino remoto nas universidades federais do Brasil: desafios e adaptações da educação durante a pandemia de COVID-19**. Research, Society and Development, v. 9, n.11, e4049119866, 2020(CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i11.9866>. Paraíba, 2020.
- MENDES, Francivaldo José da Conceição; SOUZA, César Martins de; MIRANDA NETO, José Queiroz de. **Memórias de migração na Amazônia: um estudo a partir das narrativas orais dos sujeitos no território da Transxingu**. Revista Cadernos do Ceom, v. 31, n. 49, p. 72-82, 2018.
- PADRE ZEZINHO. “**Utopia**”. In _____. Álbum Um certo Galileu (LP). São Paulo: Gravadora Paulinas, 1975, faixa B2.
- RAMALHO, Betânia Leite. **A desprofissionalização do Magistério: o caso da Educação Rural do nordeste Brasileiro**. Tese Doutoral- Bella Terra. Barcelona. 1993, p. 87.
- ROSA, A. C. S. Classes multisseriadas: desafios e possibilidades. In: **Educação & Linguagem**. Ano 11, nº 18, p. 222-237. Jul. Dez., 2008.
- SANTOS, G. C. **Roteiro para elaboração de memorial**. Campinas, 2005.
- SILVA, G. P. **A seca do nordeste, as práticas migratórias e suas representações na musicografia de Jackson do Pandeiro**. Revista Rural & Urbano. Recife. V.04, n. 02, p. 74-97, 2019. ISSN: 2525-6092.
- SILVA, J.V.F.; JÚNIOR, F. P. S.; SILVA, A. C. **Migração e Colonização da transamazônica na obra de Odette de Barros Mott**. Nova Revista Amazônica. 6. 103. 10.18542/nra.v6i2.6194, 2018.

SILVEIRA, K. A.; ENUMO, S. R. F.; BATISTA, E. P. Indicadores de estresse e estratégias de enfrentamento em professores de ensino multisseriado. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 357-465, 2014.

VIZZOTO, L. K. O. **Estudos sobre o ensino multisseriado: um debate (ir)relevante**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Rio Grande do Sul, 2021.